

## A DUPLICAÇÃO DA NARRATIVA E A DUPLICAÇÃO DO SER NENHUM OLHAR, DE JOSÉ LUÍS PEIXOTO

Profª. Drª. Lílían Lopondo ( USP e UPM )<sup>1</sup>

### Resumo:

*No romance **Nenhum Olhar** ( 2001 ) -- de autoria de José Luís Peixoto --, laureado com o Prêmio José Saramago, a comunidade do Alentejo ( ? ) é formada por um grupo de personagens que rumam, sem exceção, em direção ao trágico. Dentre elas, sobressaem-se os gêmeos siameses Moisés e Elias, unidos pelo dedo mindinho. O desenrolar da fábula enfatiza que, embora colados um ao outro, cada um vive o próprio destino, marcado pelas circunstâncias funestas que caracterizam sua atuação naquele espaço. Este trabalho objetiva o exame do processo de duplicação com que são caracterizadas essas personagens, fração do projeto maior que permeia a narrativa no Livro I e no Livro II. Para tanto, são examinados os procedimentos narrativos de que lança mão o Escritor português na caracterização dos irmãos e quais os efeitos de sentido deles decorrentes. Com base nestes elementos, é investigado o papel desempenhado por tais personagens no corpo da obra, que tem no pessimismo os fundamentos da cosmovisão peixoteana.*

**Palavras-chave:** identidade; duplo; trágico.

O romance *Nenhum olhar* ( 2001 ), de autoria de José Luís Peixoto, é dividido em duas partes, denominadas Livro I e Livro II. No primeiro, José, a personagem principal, é pastor de ovelhas e vive num monte. Desde que sua mãe morreu, seu pai mora na vila com a outra filha, casada, mãe de um bebê. No mesmo local mora a mulher que se tornará sua esposa. É órfã de mãe e, da morte do pai, é estuprada mais de uma vez pelo gigante. Todos os habitantes da vila sabem disso, inclusive José, que se casa com ela. As bodas são celebradas pelo demônio e os padrinhos dos noivos são os gêmeos siameses Moisés e Elias; as madrinhas, a cozinheira e a louca da rua da palha. O velho Gabriel, que conhece todos os habitantes da vila e do monte, é um dos convidados.

A mulher de José trabalha na casa dos ricos, no monte, e passa o tempo todo sozinha, pois ali não mora mais ninguém. Quando não está cumprindo suas obrigações, a mulher de José gosta de ficar sentada, ouvindo uma voz fechada dentro duma arca, no corredor. Moisés se apaixona pela cozinheira. Em pouco tempo eles também se casam e, ainda que tenham ambos por volta de setenta anos, ela engravida e dá à luz uma filha. São muito felizes até que um dia Moisés adoece e morre. Elias, seu irmão gêmeo, não resiste à perda e morre também. A cozinheira enlouquece.

No bar do judas, diariamente, o demônio atormenta José, forçando-o a lembrar-se do estupro de sua mulher pelo gigante. Dilacerado por isso, duvida da paternidade de seu filho. Um dia, cansado, desesperançado, enforca-se numa azinheira. A cadela de José, aliada a outros cães, vinga-o matando o gigante.

O Livro II traz adulto o filho de José, que era um bebê quando do suicídio do pai e que agora tem 30 anos de idade. Também se chama José e vive no monte com a mãe. É pastor. Segundo o velho Gabriel, é igualzinho ao pai. Seu melhor amigo é Salomão, seu primo. Passam muito tempo juntos. Salomão trabalha na serraria de mestre Rafael e casa-se com a filha de Moisés e da cozinheira. A mulher de Salomão trabalha agora na casa dos ricos e também gosta de sentar-se no corredor e ouvir a voz que fica fechada dentro da arca. O demônio tenta Salomão colocando-o contra o primo ao sugerir que José e a sua mulher são amantes.

---

<sup>1</sup> Lílían Lopondo, Profª. Drª. do Programa de Pós-Graduação em Literatura Portuguesa do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo e do Programa de Pós-Graduação em Letras do Centro de Comunicação e Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie.

Mestre Rafael herdou do pai a serraria. Não tem nem a perna nem o braço direitos. É cego de um olho. Numa noite, pede em casamento a prostituta cega, filha e neta de prostitutas cegas. Casam-se, têm uma menina que também nasce cega e não tem o braço direito nem as duas pernas. No dia do parto morrem mãe e filha. Mestre Rafael, desesperado pela dor, vai até a serraria e atea fogo a tudo, morrendo em meio às chamas.

O livro termina com a mulher de Salomão descobrindo que está grávida e dizendo para si mesma que tem a morte dentro de si. Sua mãe, a cozinheira, morre serenamente. Morre também o velho Gabriel. Então, ela, Salomão e José dirigem-se ao monte, cada um com a sua solidão, ainda que o velho Gabriel tenha pedido a cada um deles: “Não vás”(PEIXOTO, 2005, p 182, 185 e 188).

Esta longa reprodução da fábula romanesca remete ao traço constitutivo essencial da obra, a duplicação. O Livro I, à semelhança das Sagradas Escrituras, é uma prefiguração do Livro II, no qual as personagens como que concretizam as “profecias” do primeiro. Há uma homologia entre os dois Livros em que o sem-sentido da existência subjaz como fio condutor.

O cenário, nas duas partes, mantém-se intacto: o bar do judas, ponto de encontro dos membros da comunidade; a estrada, por onde transitam as personagens; as casas, palco dos dramas de cada um e a igreja, centro de profanização do sagrado, permanecem inalterados ao longo da narrativa. As personagens, à exceção dos gêmeos, ( re ) vivem, ainda que em chaves distintas, os mesmos conflitos, o que explica, inclusive, a retomada de seus nomes, apoiados na alcunha de personagens bíblicas: José, Moisés, Elias, Gabriel, Salomão. Confirma-se, ainda, o desdobramento narrativo no título do romance, reiterado no epílogo:

O mundo acabou. E não ficou nada. Nem as certezas. Nem as sombras. Nem as cinzas. Nem os gestos. Nem as palavras. Nem o amor. Nem o lume. Nem o céu. Nem os caminhos. Nem o passado. Nem as idéias. Nem o fumo. O mundo acabou. E não ficou nada. Nenhum sorriso. Nenhum pensamento. Nenhuma esperança. Nenhum consolo. *Nenhum olhar.* ( PEIXOTO, 2005, p.191. Grifo meu. )

A última frase do excerto põe em evidência não só o universo claustrofóbico da aldeia ( alentejana? ), erguida em tempo de moto perpétuo, a ponto de conferir ao texto uma estrutura fechada, mergulhada em si mesma, mas também o processo de multiplicação acima referido. Os conectivos coordenativos aditivos *e, nem ( nenhum )* – sempre os mesmos – repetidos anaforicamente, carregam, no bojo do processo de adição, o seu esvaziamento, intensificado mediante a epífora *nada*. Analogamente a outros momentos do texto, em que a repetição se efetua por intermédio da gradação, os substantivos abstratos e concretos, no plural ou no singular, que a uma primeira visada se equivalem, sofrem um processo de amplificação, apontando sempre para o idêntico/diverso, segundo Lausberg ( 1967, p.166): “A conjunção, que sintaticamente pertencia ao último membro, alonga esse membro e permite assim a manutenção da *lei dos membros crescentes*” ( Grifo meu ), relacionada ao “corpo da palavra” ( *nem...nem* ), que confere ao excerto um tom de ladainha -- de resto característico de toda a narrativa --, e com a sua intensidade semântica, cujo clímax se dá com a última frase.

Afirmou-se que, em seu processo de duplicação, os nomes das personagens lembram figuras do Antigo e do Novo Testamento. Se se levarem em conta as reflexões concernentes ao trecho acima, verificar-se-á que a estrutura do romance de José Luís Peixoto opõe-se radicalmente à das Escrituras Sagradas. Ao examinar as relações entre a Bíblia e a Literatura, em *O Código dos Códigos*, Northrop Frye ( 2004, p. 206 ) ensina:

Já nos referimos antes à estrutura do Livro dos Juízes, onde uma série de estórias de heróis tribais se enquadra num *mythos* que se repete: o da apostasia e da restauração de Israel. Isto nos fornece uma estrutura narrativa que é, grosso modo, em forma de U: à apostasia se segue uma queda em desastre e cativeiro; a isto se segue o arrependimento, e

por uma ascensão e liberação até um ponto que está mais ou menos ao nível do começo.

Acrescenta o estudioso que este modo de construção é retomado, literariamente, na comédia, em que “ uma série de infelicidades e de incompreensões leva a ação a um ponto baixo e ameaçador; a partir daí uma reversão afortunada no enredo despacha a conclusão para um final feliz”. ( *Idem, ibidem* ) Em lugar da euforia, própria do cômico, o romance em pauta permanece no âmbito disfórico: a forma da U cede espaço à forma em L – se a aproximação com a letra do alfabeto convier --, típica do trágico.

O leitor atento certamente porá em xeque estas considerações argumentando que, num dos núcleos dramáticos mais importantes da narrativa – o que coloca em evidência os irmãos Moisés e Elias --, a estrutura em L pode ser questionada: Moisés casa-se com a cozinheira, ambos têm uma filha e, juntamente com Elias, levam uma vida harmoniosa. Apresentem-se, pois, os gêmeos, unidos pelo dedo mindinho:

Os irmãos chamavam-se Moisés e Elias. Para quem estivesse diante deles, Moisés era o da esquerda, Elias o da direita. Por um evidente motivo, Moisés era destro e Elias era canhoto. Além desse pormenor, eram iguais em tudo. Mas, apesar de serem iguais em tudo, de se moverem com uma extraordinária coordenação e de ao olhar serem indistintos, *havia uma diferença que os dividia ou que, se calhar, os unia ainda mais*: Elias não falava. Ou melhor, falava, mas apenas ao ouvido de Moisés que, se fosse o caso, se apressava a dar voz às palavras sussurradas do irmão. Desde crianças que assim era. ( PEIXOTO, 2005, p. 16 )

Conforme os diversos narradores a relatar a trajetória dos irmãos, à sua união de sobrevém a crise, deflagrada pela paixão de Moisés pela cozinheira. Em concordância com a reiteração e com o tom monocórdico das palavras finais da obra, observa-se, no que tange ao episódio do sentimento de Moisés pela cozinheira, mais uma vez, a figura da gradação, agora a apontar a diferença de pontos-de-vista dele e do irmão. Tudo tem início com a cerimônia de casamento de José. Moisés a descreve, minuciosamente, quase que na íntegra, enfatizando a impressão que a cozinheira lhe causou: “Ela era uma mulher. E não ficou espantada com o caso de eu e o meu irmão estarmos pegados. E quase me sorriu uma vez. E quase me olhou nos olhos. Ela era uma mulher” ( *Idem, ibidem*, p. 37 ). Mais uma vez são utilizadas orações coordenadas assindéticas e sindéticas aditivas provocando – via polissíndeto -- o efeito de repetição do igual e de acumulação do diferente. É reiterada, no trecho, a circularidade do romance.

Quanto a Elias, “ pensava no casamento de José e pensava no irmão *a derreter-se para a cozinheira* nesse dia”. ( *Idem*. Grifo meu. ). O narrador em primeira pessoa cede lugar ao de terceira ( como se sabe, Elias não fala, a não ser ao ouvido do irmão ), a coordenação ( *pensava...e pensava* ) é substituída pela subordinação ( *a derreter-se pela cozinheira* ), em que a oração adjetiva explicativa implica a avaliação de Moisés por Elias. Desaparece, aqui, a amplificação gerada pela sonoridade , muda o ritmo narrativo e perde-se a intensidade semântica.

Estas diferenças de pontos-de-vista comprovam a apresentação dos irmãos efetuada pelo narrador que, mais tarde, sublinha:

Os seus olhares eram iguais, *mas não viam o mesmo*. Eram o mesmo olhar *a ver duas coisas*. Durante os meses em que / o velho Gabriel / estava parado, eram os irmãos que tomavam conta do lugar. Sempre juntos, sempre um ao lado do outro, envelheceram ao mesmo tempo: tinham a mesma curva nas costas, o mesmo andar pouco ligeiro e, sem que o soubesse, o mesmo número exato de cabelos brancos na cabeça. Já tinham passado muito mais de setenta anos da manhã de puro agosto em que, ao mesmo tempo, nasceram, rasgando a mãe por dentro à sua passagem. Contavam os mais velhos, que tinham ouvido dos seus pais, que, assim que lhes cortaram os cordões umbilicais, a mãe os olhou e viu ainda que eram siameses. ( PEIXOTO, 2005, p. 15. Grifo meu. )

Casados Moisés e a cozinheira, restabelece-se a harmonia entre os três, a tal ponto que o leitor é instado a pensar que, com as bodas, caminha o romance na direção ascendente referida por Frye. Porém, a placidez doméstica promove uma perigosa aproximação entre os irmãos e, lentamente, mina as diferenças entre eles. Frente às esculturas culinárias concebidas pela cozinheira, concordam em dispor dos poucos recursos financeiros para custear os arroubos gastronômicos da esposa de Moisés: a perplexidade dá lugar à concordância. E uma noite, “Moisés comeu a pequena mulher, esculpida em peito de frango, e Elias comeu o berço e o menino, esculpido de uma perna de frango. Nessa noite, *ao adormecerem os três*, a cozinheira fez cara de caso e disse vais ser pai.” ( *Idem, ibidem*, p. 47. Grifo meu. ) <sup>2</sup> A partir de então, e até a sua morte, esvaem-se os traços de personalidade que os distinguiam, como se, agora, sim, fossem iguais em tudo. Contrariando todas as expectativas, instala-se a crise entre os irmãos.

No capítulo intitulado “Do desejo mimético ao duplo monstruoso”, René Girard, em sua obra *A Violência e o Sagrado* ( 1998, p. 201. Grifos do autor. ), explica: “Na experiência coletiva do *duplo monstruoso* as diferenças não são abolidas, mas embaralhadas e misturadas. Todos os *duplos* são intercambiáveis, sem que a sua identidade seja formalmente reconhecida”. Entre Moisés e Elias, agora, a única diferença objetiva reside no fato de o último só falar ao ouvido do irmão. Todo o resto se dilui como os gêmeos não fossem nada mais que “irmãos reforçados” ( *Idem, ibidem*, p. 83), iguais em tudo. Perdem a individualidade, o que equivale a dizer que perdem a identidade e, com isso, assemelham-se não apenas entre si mas às figuras centrais da narrativa, enfatizando a estrutura em L.

A composição dos gêmeos e, de resto, a de todas as categorias narrativas, efetuada sob o signo da gradação amplificadora, aparece-se, também, no plano da expressão, cujo exemplo mais significativo reside na citação da página 3. Tudo se repete por contacto, via *geminatio* ( LAUSGERG, 1967, p. 167 *et passim* ) – termo para lá de conveniente para os fins deste trabalho – e *reduplicatio*, cujo efeito é o da indiferenciação violenta provocada pelo destino comum. Paradoxo desconcertante, uma vez que o texto lida, em todos os níveis, com o duplo.

No verbete intitulado “duplo”, do *Dicionário de Termos Literários*, de autoria de Carlos Ceia, Carla Cunha refere-se ao fato de que o duplo “é uma entidade que duplica o “eu”, destacando-se dele e autonomizando-se a partir desse desdobramento. Gera-se a partir do “eu” para de imediato, dele se individualizar e adquirir existência própria”. É o que acontece com José e com a mulher de José do Livro II, principalmente, cuja gênese está no Livro I, embora seja notório que, “tendo sua gênese em um sujeito determinado, sendo uma cópia do mesmo, uma mimese, não pode desfrutar do mesmo estatuto ontológico subjacente ao ‘eu’ a partir do qual se originou”. ( *Ibidem* ) Não há como confundir o primeiro José com o segundo: o drama daquele difere do drama de seu filho: as surras do gigante e o estupro da mulher de José cedem terreno à paixão de José pela esposa de Salomão. No que tange aos gêmeos, apesar da semelhança física, o desdobramento do eu é exógeno ( *Ibidem* ) ( cf. citação das páginas 5 e 6 ), o que leva à precipitada conclusão de que a narrativa seria construída em U, passando a endógeno ( *Ibidem* ), o que conduz ao destino trágico.

No entanto, há que salientar que entre o “eu” e seu duplo existe sempre uma semelhança, uma identidade anímica; os dois José, as duas mulheres de José e os gêmeos partilham da mesma solidão, do mesmo silêncio, submetem-se ao mesmo destino. Do ponto de vista textual, o Livro I e o Livro II apresentam uma estrutura comum. Mas o fim é o mesmo: morrem os gêmeos; a cozinheira enlouquece. José suicida-se. Rafael também. Morrem a prostituta cega, sua filha e o velho Gabriel. Salomão, José e sua mulher vagam a sua solidão pelo monte, morre a palavra.

---

<sup>2</sup> Não é demais salientar que não só os alimentos preparados pela cozinheira como também as refeições partilhadas pelos irmãos apresentam alta carga simbólica. No que diz respeito ao excerto citado, observa-se a forte referência aos mitos de Dioniso e de Cronos, rebaixados e recontextualizados no Alentejo peixoteano. Além disso, há que observar que tanto a cozinheira quanto Moisés já ultrapassaram os setenta anos. A gravidez soma vida e morte e situa o casal e Elias no limiar da existência. Estes aspectos da obra serão desenvolvidos oportunamente.

Trágico desfecho, na direção contrária de um dos aspectos fundamentais do duplo, examinado por Otto Rank em *Don Juan et le Doublé* ( apud <http://www2.fcsh.unl.pt/edtl/verbetes/D/duplo.htm> ), que atribui ao duplo o poder de “concorrer para o impedimento da morte de si-mesmo. Segundo este autor, a crença ancestral na morte está directamente ligada à temática do *duplo* e ao desdobramento da personalidade, pois o duplo age como mecanismo privilegiado cuja função é a de inibir a morte do sujeito por ele representado. O *duplo* assume-se pois como um factor inibidor da morte do “eu”, e paralelamente, como um motor da sua longevidade e perenidade enquanto ser”. Moisés e Elias, em sua duplicidade, perpetuam-se na menina que nasce. Contudo, de acordo com Freud, o duplo, “depois de haver sido uma garantia da imortalidade, transforma-se em estranho anunciador da morte” ( 1976, p. 294 ). Daí as reiteradas catástrofes que permeiam a comunidade de *Nenhum Olhar*.

O homem peixoteano , limitado por um espaço e por um tempo a ele adversos, cerceado na possibilidade de comunicação com o outro, carente de identidade própria, incapaz de exercer o livre-arbítrio, restringe-se a acrescentar à sua existência sempre mais do mesmo, revelando a miséria da condição humana. O pessimismo schopenhaueriano do jovem escritor português expande-se ao nível da expressão que, reduplicando os efeitos do *nonsense* existencial, avança na direção dos limites da palavra. Mas estas são questões que ficam para uma outra vez.

## REFERÊNCIAS

- [1] CUNHA, Carla. “Duplo”. CEIA, Carlos. *E-Dicionário de Termos Literários*. <http://www2.fcsh.unl.pt/edtl/verbetes/D/duplo.htm>. Consultado em 10/07/08.
- [2] FREUD, Sigmund. *Obras Psicológicas Completas – Edição Standard*. Rio, Imago, 1976 ( vol. XVII – 1917-1919 ).
- [3] FRYE, Northrop. *Código dos Códigos. A Bíblia e a Literatura*. São Paulo: Boitempo, 2004.
- [4] GIRARD, René. *A Violência e o Sagrado*. São Paulo: Editora da UNESP/Paz e Terra, 1990.
- [5] LAUSBERG, Heinrich. *Elementos de Retórica Literária*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1967.
- [6] PEIXOTO, José Luís. *Nenhum Olhar*. Rio: Agir, 2005.